

**O PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA  
ENTRE OS APINAJÉ: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA  
NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

*Mara Pereira da Silva (UFT)*

[maramusic.uft@uft.edu.br](mailto:maramusic.uft@uft.edu.br)

*Milena dos Santos (UFT)*

[milenasantos11@hotmail.com](mailto:milenasantos11@hotmail.com)

**RESUMO**

Todas as línguas humanas tem mudanças e variações e funcionam como um elemento de interação na sociedade, desta maneira este trabalho pretende compartilhar uma experiência educativa tendo como objetivo apresentar algumas palavras da língua portuguesa que se tornaram comum entre os indígenas apinajé e que foram apresentadas por um acadêmico indígena do Curso de Educação do Campo – Artes e Música de Tocantinópolis em seu Diário de Campo “Conhecendo a comunidade apinajé” que foi elaborado na disciplina Seminário Integrador I. Além desse fenômeno linguístico, será apresentado também algumas palavras da língua portuguesa que o próprio aluno não sabia seu significado na língua apinajé e que por meio da atividade proposta foi possível conhecer. Trata-se de um estudo de caso, de abordagem qualitativa por investigar o trabalho de um único aluno indígena da etnia apinajé. Os indígenas apinajé são pertencentes da família linguística Jê, do troco linguístico Macro-Jê, tendo como sua língua materna o apinajé e a língua portuguesa como segunda língua, sendo afirmados como bilíngues por falarem estas duas línguas, e isto ocorre por estes estarem em contato muito frequente e direto com a população não indígena. Somente as crianças falam apenas a língua materna. Acredita-se que ao propor atividades pedagógicas aos alunos em suas comunidades é possível descrever situações de suas realidades em que se inclui questões linguísticas. Este estudo pode contribuir para compreendermos situações relacionadas ao futuro da língua materna deste povo e a influência da língua portuguesa nesta comunidade.

**Palavras-chave:**

Apinajé. Fenômeno linguístico. Língua portuguesa.

**ABSTRACT**

All human languages have changes and variations and function as an element of interaction in society, so this work intends to share an educational experience aiming to present some words of the Portuguese language that became common among the apinajé Indians and that we represented. By an indigenous academic from the Tocantinópolis Field Education – Arts and Music Course in his Field Journal “Knowing the apinajé community” that was written in the course Integrator Seminar I. In addition to this linguistic phenomenon, some words of the Portuguese language the student himself did not know its meaning in the Apinajé language and that through the proposed activity was possible to know. This is a case study with a qualitative approach for investigating the work of a single indigenous student of Apinajé ethnicity. The apinajé Indians belong to the Jê linguistic family, from the Macro-Jê linguistic exchange, having

as their mother tongue Apinajé and Portuguese as a second language, being affirmed as bilingual for speaking these two languages, and this is because they are in contact. Very frequent and direct with the non-indigenous population. Only children speak only their mother tongue. It is believed that by proposing pedagogical activities to students in their communities, it is possible to describe situations of their realities that include language issues. This study can contribute to understand situations related to the future of the mother tongue of this people and the influence of the Portuguese language in this community.

**Keywords:**

Apinajé. Linguistic phenomenon. Portuguese language.

## **1. Introdução**

De modo geral, os povos indígenas tem entrado em contato com a sociedade indígena de forma cada vez mais intensa, isto acaba favorecendo a aproximação entre índios e não índios, tendo como consequência perdas culturais em vários aspectos em que se inclui a extinção da língua. Nesse processo de contato, quem sempre sai perdendo são as minorias como os indígenas em que muitas populações já perderam por completo e outras encontram-se ameaçadas e em processo de revitalização. Sabemos também que essa extinção muito se deu por meio do processo civilizatório em que houve perdas culturais principalmente entre as populações indígenas.

Nesse sentido, o artigo tem como objetivo apresentar algumas palavras da língua portuguesa que foi apresentado por um indígena Apinajé por mim orientado na Disciplina de Seminário Integrador I (SI-I), ministrada no Curso de Educação do Campo (LEDOC) – Artes e Música da Universidade Federal do Tocantins – *Campus* de Tocantinópolis, que teve como proposta a elaboração de um Diário de Campo intitulado “Conhecendo a Comunidade”. Em se tratando do sujeito em estudo, foi a comunidade Apinajé. Assim, o Diário de Campo denominou-se “Conhecendo a Comunidade Apinajé”. É mister informar que esse diário constou aspectos relacionados não somente a língua mais informações relacionadas as demais temáticas discutidas no semestre.

O curso em estudo foi criado para atender especificamente povos que moram e vivem no campo como indígenas, quilombolas, camponeses, etc., para atender a demanda de carência de professores nas comunidades rurais. Tem como proposta pedagógica a Alternância Pedagógica em que os acadêmicos vivenciam parte da formação na universidade e outra em suas respectivas comunidades, que é denominados como Tem-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

po Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC), estasegundo Gimonet (2007, p. 16) é o “processo que parte da experiência da vida cotidiana para ir em direção à teoria, aos saberes dos programas acadêmicos, para, em seguida, voltar à experiência, e assim sucessivamente”.

A SI-I é uma disciplina ofertada no primeiro semestre do curso, com uma carga horária de 30 horas, tendo como disciplinas integradoras: Estado, Sociedade e Questões Agrárias; Língua Portuguesa; História de Vida; História da Arte; Movimentos Sociais e Fundamentos da Notação Musical. Tal disciplina tem como foco realizar um trabalho interdisciplinar entre as diversas disciplinas do semestre, nesse caso 2017.1. Reúne atividades de todas as disciplinas do bloco, e cada professor fica responsável por uma quantidade de X de alunos. Conforme a ementa da disciplina a mesma visa ser um “espaço de diálogo interdisciplinar para discussão das atividades realizadas no bloco. Assim como preparação do instrumento de pesquisa para o tempo comunidade envolvendo todos os docentes e discentes do bloco” (UFT, 2016, p. 49).

Na preparação da atividade para o tempo comunidade envolvendo todos os docentes e discentes do curso um dos encaminhamentos foi para que o aluno pesquisasse e respondesse alguns questionamentos em sua comunidade: Qual é o modo de falar mais representativo da sua comunidade? Faça um quadro do dialeto regional (com palavras e expressões) que caracteriza o falar das pessoas de sua comunidade; Considerando que a língua apresenta diferentes variedades, as pessoas de sua comunidade demonstram preocupação com o uso/domínio da norma culta ou não? Pesquise e transcreva uma “história popular” representativa de sua comunidade. É mister informar que esse último encaminhamento não será abordado nesse texto.

Entre os acadêmicos por mim orientados teve um Apinajé pertencente a aldeia Cipozal que será nosso objeto de estudo de caso, o qual não relatarei o nome por questões éticas de pesquisa e que tratarei como colaborador por entender que o mesmo contribui no processo de geração de dados de forma participativa.

Os indígenas Apinajé são pertencentes da família linguística Jê, do troco linguístico Macro-Jê, tendo como sua língua materna o apinajé e a língua portuguesa como segunda língua, sendo afirmados como bilíngues por falarem estas duas línguas, e isto ocorre por estes estarem em contato muito frequente e direto com a população não indígena. Somente as crianças falam apenas a língua materna.

O estudo de caso de abordagem qualitativa foi a metodologia usada nesse trabalho que segundo Rocha (2008) enquanto método de investigação qualitativa, pode ser utilizado quando o pesquisador busca uma compreensão extensiva e com mais objetividade e validade conceitual, do que propriamente estatística, acerca da visão de mundo de setores populares. O estudo de caso segundo Fonseca (2002, p. 33) “visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico”. Nesse sentido apresentamos aspectos relacionados a situação linguística entre os Apinajé que se revelam no diário de campo construído.

## **2. A ação em si**

A linguagem consiste em um modo de interação existente entre pessoas que favorece o diálogo entre si, sendo, segundo Souza e Antunes (2017, p. 1), “um fenômeno que dá ao homem a condição de entender os significados do mundo e essas significações devem ser compreendidas tendo em vista a cultura de valores que cada pessoa imprime em seu agrupamento social”. Então podemos dizer que a linguagem promove a interação das pessoas no meio que vivem, sendo que cada agrupamento social apresenta a sua linguagem característica que lhe representa.

A linguagem pode ser verbal e não verbal. A linguagem verbal consiste no uso de palavras tanto na forma escrita como por meio da oralidade. Em se tratando da linguagem não verbal, a comunicação acontece por símbolos, sons, imagens, movimentos corporais e outros. O importante na linguagem é a comunicação, ou seja, é preciso que aconteça a transmissão da mensagem, sendo assim, a língua é um dos componentes da linguagem. Os escritos relacionados a reflexões sobre os fenômenos linguísticos na relação entre língua e sociedade iniciaram com os estudos de William Labov (1966) na década de 60, que estudou a estratificação social do inglês na cidade de Nova York.

Ao ter que responder em seu Diário de Campo questões pertinentes a relação da língua e sociedade na comunidade apinajé, ao ser questionado sobre qual é o modo de falar mais representativo da sua comunidade, o colaborador narrou que é a língua apinajé. Mesmo tendo este grande contato com os não índios em suas respectivas aldeias os apinajé usam a língua materna de seu povo, a utilização do português ocorre quando vão para o local onde a predominância é a do não índio. Afir-

mando isto Almeida e Albuquerque (2012, p. 13) argumentam que a língua materna “[...] deve ser aquela que promove a interação em seus domínios sociais, e o português uma segunda língua que deverá ser aprendida na escola, e que irá facilitar as relações entre sociais, favorecendo o convívio na fronteira étnica”, o que ocorre com os Apinajé.

Em relação a preocupação das pessoas da sua comunidade com o uso/domínio da norma culta ou não, visto que a língua apresenta diferentes variedades, ele escreveu em seu diário que na aldeia existem indígenas de outras etnias e que são da família Timbira e que tem a língua parecida mas apresentam diferenças e muitas vezes acabam confundido. Ele cita como exemplo indígenas da etnia Krahô, Krikati, gavião que chegaram, casaram e ficaram na aldeia. Bortoni-Ricardo (2017) fala sobre a língua no Brasil em que muitos acreditam ser um país monolíngue falante do português, mas que na verdade falam cerca de 200 idiomas, dos quais 180 são dos povos indígenas. Para o colaborador a entrada de indígenas de outras etnias também geram a variação linguística o que de certa forma preocupa a comunidade. Esta variação linguística de fato acontece, já que cada povo, cada etnia formam uma nação diferente, com uma língua própria e uma diversidade muito rica.

Bortoni-Ricardo (2017) apresenta que pelo fato das línguas não serem homogêneas é difícil identifica-las, pois seus falantes usam de várias maneiras o que ocasiona a variação da língua. Segundo a autora, ao se referir as línguas no mundo, apresenta que

[...] elas comportam muita variação. Dizemos que são constituídas por variedades, que, as vezes, são também referidas como dialetos, e os estudiosos podem ter dúvida quanto a definir determinado idioma como uma língua ou como uma variedade de uma língua. (BORTONI-RICARDO, 2017, p. 23-4)

Segundo ela, “a variação linguística é uma marca identitária que define grupos sociais, étnicos e até políticos” (BORTONI-RICARDO, 2017, p. 24). Assim, a língua apinajé funciona como definidora da identidade do povo apinajé, compondo a paisagem linguística do Brasil.

O colaborador demonstra sua própria preocupação com a perda da língua em sua comunidade ao dizer “porém me preocupa muito a entrada de não índios na comunidade, muita coisa que falávamos na nossa própria língua já não falamos mais”, o colaborador deixa esclarecido que o contato com povos não indígenas também acaba ocasionando a perda da língua levando o indígena a falar em língua portuguesa que é a língua falada pela maioria das pessoas no Brasil. A preocupação do colaborador é

bastante válida, já que

[...] a cultura de uma dada sociedade é expressa por meio da língua, essa por si só já é um elemento cultural; se a língua desaparece, torna-se difícil aos participantes dessa sociedade expressar suas formas culturais, pensamentos, filosofias, etc., podendo esses elementos virem a se perder com o tempo. (QUARESMA; FERREIRA, 2013, p. 237)

Ao escrever que “aqueles que chegam aqui e passam a viver nesta comunidade aprendem a falar a nossa linguagem”, o colaborador acredita que para o aprendizado do apinajé é preciso vivência nas aldeias, não só para o aprendizado da língua, mas a sua cultura como todo, ou seja, para o aprendizado das diferentes linguagens é preciso experienciar por meio do contato presencial. Principalmente por que a língua materna para os povos indígenas é sinônimo de força e é mediante a mesma, por meio da oralidade, que os indígenas repassam seus ensinamentos, saberes e cultura de geração para geração (MACEDO, ALBUQUERQUE, 2013).

Ao ter que fazer um quadro do dialeto regional (com palavras e expressões) que caracteriza o falar das pessoas de sua comunidade, o colaborador apresenta como exemplo dois quadros sendo um (1) de palavras que era falado no apinajé e hoje eles falam na língua portuguesa, e outro (2) com palavras que o colaborador ouvia mais não sabia seu significado na língua portuguesa e com a pesquisa foi buscar seus significados.

Assim, para o colaborador em vez de apresentar palavras ou expressões que caracterizam o falar de sua comunidade, escreveu as duas línguas faladas pelo seu povo, sendo o português e o apinajé, deixando claro que estes são bilínguas, ou seja, se comunicam em duas línguas.

É mister informar que a escrita dessas palavras na língua apinajé foram copiadas do modo que estiveram apresentadas no Diário de Campo em estudo, não foi realizada uma pesquisa em loco com a finalidade de verificar se a escrita está correta de acordo com a língua apinajé. No entanto essa situação deixa brechas para futuros estudos que contemplem o uso desse diário como objeto de pesquisa. A seguir apresentamos o quadro 1:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Quadro 1: Palavras que eram faladas no Apinajé e hoje eles falam na Língua Portuguesa.

LÍNGUA APINAJÉ	LÍNGUA PORTUGUESA
Kagôtyhkre	Cafê
Krãjapap	Chapéu
Pár	Carro
Katorxá	Mãe
Hipêêxa	Pai
Tukatyj	Avô
Kanêxa	Remédio
Pepjaja	Polícia
Mán ou Kwyt	Feijão

Fonte: Diário de Campo, 2017,1, colaborador.

Ao montar o quadro acima e salientar que não são usadas mais as palavras na língua materna, mas sim no português, fica evidente a perda da língua, “a perda linguística dentro do contexto indígena constitui-se como uma das mais significativas porque, além de afetar a diversidade linguística, também envolve outros aspectos sociais como cultura e identidade” (QUARESMA; FERREIRA, 2013, p. 237). A língua está diretamente ligada com a cultura e identidade dos povos indígenas ao deixar de usar a mesma estes estão se aproximando cada vez mais da cultura hegemônica, da linguagem da cultura dominante, caminhando para a perda da língua. Essa situação demonstra preocupação pois “quando uma língua morre, com ela se perde uma parte da tradição e diversidade humana” (STORTO, 2019, p. 7).

Aqui ocorre também o monolingüismo da língua materna para o português e como fica bem claro na explicação do colaborar após o aprendizado das palavras em português foi efetivado os seus significados na língua materna, e as palavras em língua materna não foram mais usadas. Quando os mais jovens da comunidade indígena deixa de falar a língua materna o resultado é o desaparecimento da mesma. Os dois quadros apresentados pelo colaborador nos deixa inquietas, pois o que fica evidente é a não utilização desta língua materna, principalmente pelos mais jovens e “quando uma língua deixa de ser falada, desaparece a herança criativa linguística e cultural acumulada através dos anos pela coletividade de falantes (STORTO, 2019, p. 7). Um quadro demonstra palavras que eram utilizadas na língua materna e outro que o colaborador, uma pessoa jovem, desconhecia.

A língua, as palavras, tomam a proporção de serem a base que sustentam toda a vida social dos indivíduos, pois necessitamos desta para os diversos âmbitos: social, político, religioso, familiar, educacional, ideológico e etc., e quando os povos indígenas deixam de usar a sua língua, as suas palavras próprias, estão tomando para si a identidade da sociedade dominante. Isto porque a identidade dos sujeitos podem ser influenciada, esta ocorre pelos “(...) aspectos externos, e que a comunidade influencia de forma cabal na formação dos indivíduos.” (CEREZOLI; BRENNENISEN, 2012, p. 4) Essa comunidade a qual as autoras salienta é a sociedade dominante, uma vez que a identidade dos sujeitos vão sendo moldados de acordo com as relações sociais a quais estes sujeitos estão expostos. Isto se confirma com a construção da tabela acima e com a afirmação do colaborador, ao argumentar que tais palavras agora são usadas apenas na língua portuguesa.

Cerezoli e Brenneisen (2012, p. 1) denotam ainda que “[...] ao se relacionarem, no processo de interação, os sujeitos vão se formando e formando os outros seus pares, e esta formação das identidades acontece no discurso”. Daí, é que surge a importância da linguagem no processo de identidade dos sujeitos, pois é com esta ferramenta que as identidades vão sendo moldadas, é a partir dos diálogos entre os sujeitos que vão sendo construídas novas concepções e ideias, desta maneira a linguagem é uma excelente ferramenta para o processo de aquisição e troca de identidade. Por intermédio da língua é que se constitui a cultura dos sujeitos e por meio desta é que ocorre o processo de identificação dos sujeitos.

Coelho e Mesquita (2013) denotam que

[...] a língua perpassa tanto a cultura quanto a identidade e é também por elas perpassada, o que faz com que a relação entre estes três conceitos seja imanente, uma vez que não há cultura sem língua e que a identidade se constrói por meio da língua e da cultura. (COELHO; MESQUITA (2013, p. 24)

O processo de construção de identidade dos indivíduos passam pela cultura a qual estes vivem e pela língua que é falado no seu meio de vivência, uma vez que é por intermédio desta que é repassado toda a cultura, costumes e saberes das comunidades a qual os sujeitos fazem parte. As autoras argumentam ainda o que Coelho e Martins (2013, p. 31) salientam que a língua é “[...] a expressão da cultura, uma vez que se constitui como instrumento decisivo para a assimilação e difusão de uma cultura, afinal, as experiências sociais só são transmitidas por meio da língua.” Por isto é que a língua é uma grande ferramenta para a cultura dos

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

povos indígenas, por estes possuírem uma língua própria. Apresentamos abaixo o quadro 2:

Quadro 2: Palavras que o colaborador ouvia mais não sabia seus significados na língua portuguesa.

LÍNGUA APINAJÉ	LÍNGUA PORTUGUESA
Pãpo	Tio
Nã	Tia
Higêť	Avô
Hipônh	Cunhada
Uprê	Cunhado
Pênkrã	Bola
Kênnã	Ouro

Fonte: Diário de Campo, 2017.1, colaborador

A construção do quadro II, apreende que o colaborador pode conhecer novas palavras até então desconhecidas pelo mesmo na língua apinajé, fazendo assim com que a cultura ainda se mantenha viva, pois com este descobrimento o mesmo pode passar a adiante essas palavras. Com a construção do quadro II, é nos permitido ir ao que Bakhtin (1997) denota

[...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1997, p. 107-8)

Ou seja a língua não é algo pronto e acabado, mas sim algo que está em contínuo processo de construção e quando o sujeito nasce é colocado no meio da corrente da comunicação verbal. Para o colaborador as palavras acima é um descobrimento mostrando assim que nunca compreendemos e sabemos tudo a respeito de nossa língua materna mais a cada dia vamos tendo um novo “despertar”, de acordo com as necessidades que as nos cabe, a partir da necessidade que o meio social nos desejar algo por meio da língua. A língua “vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta” (BAKHTIN, 1997, p. 124), por isto que continua em contínuo movimento e permanecerá assim para sempre, pois está só existe nas relações sociais.

A língua mesmo possuindo um corpo sistemático está não é herética, ou seja, pronta e acabada, esta estar em constante mudança, nos

dois quadros percebemos que a mudança da língua materna é para a língua portuguesa, isto ocorre pelo contato maior que os apinajé tem com o kupê (homem branco), principalmente por suas aldeias estarem localizadas próximo das cidades e os mesmos transitarem constantemente entre os não indígenas.

### **3. Considerações finais:**

Com a atividade proposta no SI-I é perceptível que a língua portuguesa está dominando a maior parte da fala dos apinajé, uma vez que, estes tem usado a mesma para falar com o não índio, e com os quadros e fala do colaborador ficou evidente que até mesmo dentro da aldeia não está sendo utilizado a língua materna na sua totalidade.

O diário de campo esclareceu que problema da perda linguística entre os apinajé é um fenômeno linguístico provocado não apenas pelo não indígena, mas também a presença de indígenas de outras etnias dentro da aldeia acaba contribuindo para as mudanças na língua materna, visto que as línguas indígenas diferem entre si, mesmo as vezes sendo do mesmo tronco linguístico, mas existem diferenças.

Acredita-se que ao propor atividades pedagógicas aos alunos em suas comunidades é possível descrever situações de suas realidades em que se inclui questões linguísticas. Este estudo pode contribuir para compreendermos situações relacionadas ao futuro da língua materna deste povo e a influência da língua portuguesa e outras línguas indígenas nesta comunidade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Severina Alves de; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Educação bilingue, bilinguismo e interculturalidade no contexto escolar Apinayé: o professor de língua materna em perspectiva. In: *Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*, V. 1, n. 1, p. 1-23, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. 1. ed, 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2017.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CEREZOLI, Jaqueline; BRENNEISEN, Eliane Cardoso. Educação e Linguagem: a formação das identidades no discurso. In: GASPAR, Ná-dea Regina; ROMÃO, Lucília Maria de Sousa (Orgs). *Leitores de imagens*. Universidade Federal de São Carlos/Departamento de Ciência da Informação/Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade-UFSCar, 2012.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, Cultura e Identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. In: *ENTRELETRAS*, Araguaína-TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, 2013.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIMONET, Jean-Claude. *Praticar e compreender a pedagogia da alter-nância dos CEFFAs*. Petrópolis-RJ: Vozes, Paris: AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos Familiares e de Formação Rural, 2007.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 [1966].

MACEDO, Aurinete Silva; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Práticas de Oralidade: narrativas orais Krahô no contexto escolar. In: *Anais do SILEL*, Uberlândia: EDUFU, V. 3, n. 1, 2013.

QUARESMA, Francinete de Jesus Pantoja; FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. Os povos indígenas e a educação. *Revista Práticas de Linguagem*, V. 3, n. 2, 2013, p. 234-46.

ROCHA, José Cláudio. *A reinvenção solidária e participativa da universidade: um estudo sobre redes de extensão universitária*. EDUNEB: Salvador, 2008.

SOUZA, GERALDA FÁTIMA DE; ANTUNES, Paulo Roberto. Etnolinguística: uma breve incursão. In: *Ágora – A Revista científica da FASAR*, nº 1, Julho, 2017.

STORTO, Luciana. *Línguas indígenas: tradição, universais e diversidade*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2019.

UFT. Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: *Linguagens e Códigos Artes e Música*. Tocantinópolis: s/n, 2016.